

I

Noite de inverno no Rio de Janeiro, 1987. Chove e a avenida diante do Copacabana Palace está deserta. O asfalto é escorregadio e brilhante à luz dos postes. Eu e minha esposa, Trudie, nos protegemos debaixo de um guarda-chuva enquanto duas gaivotas circulam despreocupadas sob o vento acima de nossas cabeças; o rugido do mar é ameaçador na escuridão. Um carro pequeno encosta no meio-fio. Há duas silhuetas nos bancos da frente e a porta traseira aberta nos convida a entrar.

Por meio de discretos telefonemas havíamos sido chamados para uma cerimônia religiosa numa igreja em alguma parte da floresta que cerca a metrópole. Nossos condutores, um homem e uma mulher, só nos dizem que o lugar fica a cerca de uma hora e meia do Copacabana Palace, que tudo está sob controle e que não precisamos nos preocupar. A igreja, teoricamente cristã, abriga um grupo religioso sincrético que tem como principal sacramento uma beberagem extraída de vegetais conhecida como *ayahuasca* que, segundo dizem, provoca visões profundas e extraordinárias.

Cai uma chuva torrencial conforme avançamos rumo ao sul, e uma pesada tempestade de raios desaba sobre as montanhas que cercam a cidade, seguida da percussão de trovões distantes. Agitados e um pouco nervosos, Trudie e eu nos encolhemos no banco

traseiro, imaginando o que a noite nos reserva. O motorista se concentra no caminho a percorrer. Estou sentado bem atrás dele; o sujeito tem uma cabeça grande sobre ombros largos e atléticos e, quando se volta em nossa direção, revela um rosto inteligente e aquilino, emoldurado por uns óculos de aros finos e cabelos castanhos despenteados. Sua companheira, uma jovem atraente de longos cachos escuros e um amplo sorriso bem à brasileira, vira para trás a fim de nos acalmar e perguntar se estamos bem. Ambos mexemos a cabeça mecanicamente, sem querer admitir nosso nítido nervosismo um ao outro ou aos nossos anfitriões.

À medida que deixamos as largas avenidas da cidade, os luxuosos hotéis de Copacabana dão lugar ao caos das favelas nos morros, que cintilam como árvores de Natal no escuro, e a iluminação pública torna-se cada vez mais escassa. Em pouco tempo a rua se transforma numa trilha barrenta e o carro diminui a velocidade até alcançar um ritmo de pedestre, conforme nosso motorista supera crateras de partir o eixo e cachorros tristes e imóveis. A chuva parou mas a floresta goteja no ar espesso; o som das cigarras abafa a música brega que toca no rádio do automóvel. Finalmente chegamos a uma clareira onde há vários carros estacionados caoticamente em torno de uma enorme construção coberta de telhas. A estrutura, embora simples e utilitária, não é algo que eu normalmente associaria à palavra “igreja” (não há portas ou janelas) e o evento mais parece uma assembléia de moradores do que um encontro religioso.

Homens e mulheres de todas as idades, incluindo adolescentes e crianças pequenas, assim como os onipresentes cachorros, misturam-se na área do estacionamento e também dentro da igreja, que é iluminada por lâmpadas simples presas ao teto por fios elétricos. Todo mundo veste camisas azuis ou verdes, em que muitos bordaram estrelas douradas. É óbvio que se trata de uniformes. Nossos guias tiram o casaco e vemos que também eles estão usando camisas azuis. De repente, sinto-me vulnerável e exposto. Não

esperávamos pelos uniformes. Uniformes me deixam bastante desconfortável pois estão ligados, de alguma maneira, à idéia de controle e conformismo, a algo conflitante com a liberdade: algo próprio de um culto. Uma manchete sensacionalista atravessa minha mente: CANTOR E ESPOSA RAPTADOS NA FLORESTA POR CULTO RELIGIOSO. Será que eu me sentiria mais à vontade se todo mundo tivesse o aspecto de um *hippie* chapado? Acho que não, mas os uniformes definitivamente me pegaram de surpresa.

Ao entrar na luz do grande salão somos recebidos com sorrisos francos e cordiais e apresentados por nossos dois guias ao que me parece ser um grupo representativo da sociedade brasileira. Muitos falam inglês, e após uma breve troca de amabilidades pergunto o que fazem para viver, explicando que minha esposa é atriz e eu sou cantor. “É, a gente sabe”, diz uma mulher. “Você é muito famoso, mas meu marido e eu somos professores.”

Todos parecem ser trabalhadores comuns e muitos têm alguma profissão: há médicos, advogados, bombeiros, um contador e sua animada esposa, assistentes sociais, funcionários públicos, programadores de computador, professores; nem um único *hippie* chapado entre eles. Não sei ao certo o que eu esperava, mas o grupo grande e hospitaleiro me tranqüiliza.

“É a primeira vez que você bebe a planta?”, pergunta um médico.

Não tínhamos ouvido ninguém se referir à mítica substância desse jeito antes, mas deduzimos que estavam se referindo à *ayahuasca*, o nome indígena da beberagem.

“Sim, é nossa primeira vez.”

Alguns sorrisinhos cúmplices. “Vão ficar bem”, diz um dos professores.

Tentamos retribuir o sorriso, mais uma vez disfarçando quaisquer possíveis apreensões de nossa parte.

Agora há cerca de duzentas pessoas no salão, que está cheio de espreguiçadeiras feitas de uma armação de metal com fios plásticos trançados, dispostas num círculo em torno de uma mesa central.

Em cima da mesa há um arco de madeira pintado de azul com as palavras LUZ, PAZ, AMOR escritas em amarelo brilhante. Consigo decifrá-las por meio de meu português rudimentar. Nossos dois guias, que aparentemente serão nossos guardiães ao longo da noite, reaparecem e nos conduzem a dois lugares perto da frente. E nos asseguram mais uma vez de que estão ali para ajudar em caso de dificuldades.

“Dificuldades?”, pergunto, incapaz de esconder minha preocupação.

Há uma leve inquietação na voz do homem conforme ele responde: “Talvez você sinta um pouco de desconforto físico, além de emocional. Mas por favor, experimente relaxar e se quiser perguntar alguma coisa, vou tentar responder”.

Em volta da mesa estão cinco ou seis cadeiras vazias. O silêncio toma conta do lugar quando meia dúzia de homens entra na igreja por uma porta lateral e toma a direção da mesa central. Um ar de gravidade e distinção permeia a procissão majestosa – pela postura de seus ombros, concluo que são figuras de alguma autoridade. Talvez a dramaticidade da situação esteja desde já distorcendo minha percepção, mas todos parecem ter um ar fatigado e ascético de monges ou sábios anciãos. São os “mestres”, aqueles que irão presidir a cerimônia.

A cadeira do meio está ocupada, é o que nos dizem, por um mestre visitante da cidade de Manaus. Ele conduzirá o ritual. É um homem de meia-idade de olhos fundos e pensativos, expressão atenta e um rosto vagamente irônico, mas não desagradável, como se estivesse observando o mundo do lado de fora de um túnel longo e escuro. Parece-me alguém dono de um divertido segredo para anunciar, uma história para contar ou um pedaço de arcana sabedoria. Fico intrigado. Também me sinto um pouco mais feliz ao ver como seu rosto se abre facilmente num sorriso encantador quando cumprimenta alguma pessoa que conhece. Sua cordialidade evidente é reconfortante.

No meio da mesa há um grande recipiente de vidro cheio de um líquido marrom, lamacento. Deduzo que seja o lendário sacramento sobre o qual tanto li, a *ayahuasca*.

O mestre diz que devemos nos juntar à fila que está se formando no corredor e que segue serpenteando até o fundo do salão. Ao que parece somos os únicos neófitos presentes. Conduzem-nos delicadamente ao início da fila, depois nos estendem copos de café de plástico. O mestre respeitosamente os enche abrindo uma torneirinha de metal na base do recipiente de vidro.

A despeito da solenidade da cerimônia, o líquido sacramental parece algo saído do reservatório de óleo de uma velha máquina; um discreto dilatar das narinas confirma meu receio de que o cheiro seja tão ruim quanto o aspecto. “A gente vai mesmo beber essa gosma?”, penso comigo mesmo. “Acho que ficamos loucos.”

Ainda apreensivo quanto às dificuldades que talvez se apresentem, tento ignorar o fato de que poderíamos estar enchendo a cara no conforto do bar do Copacabana Palace, tomando deliciosas caipirinhas e balançando ao suave ritmo do samba. Mas é tarde demais para voltar atrás. Minha esposa e eu nos fitamos como dois amantes trágicos no alto de um penhasco. O salão começa a reverberar com uma oração cantada em português. Incapaz de me juntar aos demais, murmuro um inaudível “Deus nos ajude” irônico, mas não muito. Então todos bebem.

“Bom, vamos beber tudo”, diz Trudie, com seu habitual humor negro. “Lá vai.”

Dou um jeito de engolir toda a bebida de um só gole, estremeendo. Sim, o gosto é medonho e eu fico aliviado porque a maioria das pessoas no lugar parece achar o mesmo. Percebo isso graças às caretas e à pressa em chupar as balas de limão e hortelã que foram distribuídas para disfarçar o sabor repugnante que fica na boca. Recuso estoicamente uma bala que me é oferecida por nenhum outro motivo além de um orgulho obstinado de tomar aquilo puro, ao passo que a sempre prática Trudie sabiamente aceita a

gentileza. Um dos mestres auxiliares põe um disco num aparelho antiquado; é uma canção popular brasileira, simples, leve e agradavelmente banal. A congregação começa a se acomodar nas cadeiras e Trudie e eu tentamos seguir o exemplo, embalados pela agradável cadência de violões dedilhados em tons maiores e pelo ritmo tranqüilo de uma *tambura*. Sentamos e esperamos, sem que nenhum de nós faça a menor idéia do que virá em seguida. Eu também começo a me deixar levar e mantenho um olhar discreto pelo salão, enquanto respiro suave e deliberadamente, tentando acalmar os nervos.

Fico imaginando se William S. Burroughs e Allen Ginsberg sentiram a mesma apreensão quando passaram por esta experiência. O romancista e o poeta *beat* partiram em busca da *ayahuasca* no fim dos anos 50, quando a substância detinha um status quase mítico como um *must* da etnobotânica. Conhecida também como *Yaje*, o vinho da alma, e raiz de homem morto, entre muitos outros nomes, sua utilização tem talvez milhares de anos e está inextricavelmente ligada ao desenvolvimento de antigas filosofias e rituais religiosos da bacia amazônica. De minhas leituras deparei que a *ayahuasca* é preparada a partir de duas plantas nativas, uma liana conhecida como *Banisteriopsis caapi* e um arbusto da família do café, a *Psychotria viridis*. A molécula ativa da substância é quase idêntica ao neurotransmissor serotonina e sua interação química com o cérebro humano é igualmente complexa e misteriosa. Minha pesquisa revelou ainda que o ritual é legalmente protegido pela Constituição brasileira, que a *ayahuasca* não é considerada causadora de dependência e que seus efeitos são profundos.

Encontro-me no Brasil neste momento porque estou prestes a começar uma turnê local e dentro de alguns dias farei um dos maiores shows de minha vida. Duzentas mil pessoas estarão espremidas no estádio do Maracanã, no Rio. O evento marcará o auge de minha carreira solo na América do Sul, mas também terá algo de luto. Meu pai se foi há poucos dias, apenas alguns meses

após o falecimento de minha mãe. Por razões muito complexas, não compareci a nenhum dos dois enterros, tampouco busquei qualquer consolo na igreja. Mas assim como os recém-enlutados às vezes recorrem ao consolo da religião, da psicanálise, da auto-análise e até de sessões espíritas, a despeito de meu agnosticismo também sinto necessidade de algum tipo de experiência ou ritual reconfortante que me ajude a considerar a existência de alguma coisa além da tragédia da morte, algum significado maior que eu possa evocar.

Estava achando difícil chorar pelos meus pais. Suas mortes me perturbaram profundamente, mas eu sentia que de algum modo andava bloqueando as reações emocionais normais, que não lidava com as perdas de uma maneira psicologicamente saudável. Não derramei sequer uma lágrima, apenas me senti frio, isolado e confuso. Não tinha nenhuma fé confortável a que recorrer.

O que eu tinha lido sobre a *ayahuasca* e suas qualidades visionárias transcendentais me deixou muito intrigado, e no meu presente estado de espírito pensei que, se experimentasse a poção milagrosa num ritual sério, talvez alcançasse um conhecimento mais profundo sobre o que acontecera a meus pais e sobre mim mesmo.

Meu interesse pelo uso ocasional de drogas leves era apenas passageiro e superficial, mas a ingestão de *ayahuasca* me fora descrita como uma experiência profundamente séria e transformadora, para a qual eu me considerava pronto. Se tivesse que correr algum risco por causa da experiência, fosse psicológico ou de qualquer natureza, então tinha de me considerar adulto o suficiente para assumi-lo, da mesma forma que o faria se resolvesse escalar uma montanha ou andar de moto. Conversando com *ayahuasqueros* experientes, fiquei impressionado com o fato de que considerassem a substância não como uma droga, mas como um medicamento. “Uma droga”, um deles me disse, “proporciona recompensa instantânea, uma espécie de gratificação, seja cigarro, álcool, cocaína ou

baseado, só que mais tarde o preço é uma dor de cabeça ou uma ressaca no dia seguinte ou, pior ainda, dependência e vício. Fume tantos cigarros e você morre. Já um medicamento tradicional não envolve uma recompensa instantânea. No fim, você pode se sentir gratificado, mas terá de pagar primeiro. A *ayahuasca* é um medicamento desses.”

Eu não fazia a menor idéia do que ele queria dizer, mas estava prestes a descobrir.

Algo como vinte minutos se passam. A música continua. A cadeira do mestre oficiante nunca está desocupada; se ele sai do salão, um dos auxiliares assume seu lugar até que volte. Há uma formalidade tranqüilizadora em tudo isto, um sentido de ordem e ritual.

O primeiro sinal de que a mistura está fazendo efeito é o aparecimento de uma freqüência muito aguda em minha cabeça, como um apito de cachorro, seguida de uma dormência cada vez maior dos lábios e uma evidente queda na temperatura do corpo. Começo a tremer – suavemente, no início, mas com intensidade cada vez maior, começando pelos pés e alcançando minhas pernas, onda após onda, até que todo meu corpo se sacode com violência. É difícil dizer se a tremedeira é uma reação psicológica devida ao medo ou se estou apenas com frio. Continuo consciente o bastante para não entrar em pânico e tento controlar a respiração, mas a náusea brota em minha garganta e segue adiante tomando conta do estômago com uma intensidade crescente, até parecer uma cobra se contorcendo dentro de mim, tentando escapar. Tudo que posso fazer para não vomitar é agarrar os braços da cadeira e respirar fundo.

Algo poderoso e incansável abre caminho através de todo meu corpo, através de cada veia e artéria, descendo por minhas pernas até os dedos do pé e percorrendo os tendões de meus braços. Meus dedos são atingidos por uma energia alienígena. O gosto repugnante que permanece em minha boca é um análogo físico ao próprio medo e percebo que estou sob o domínio de algum tipo

de entidade química que neste momento é muito mais poderosa do que eu. Enquanto a tempestade ruge dentro de mim, o trovejar lá fora começa de novo, outra ameaça funesta e reverberante vinda dos céus. Viro-me para Trudie, que parece estar dormindo, mas percebo o movimento de seus olhos sob as pálpebras e suas sobrancelhas unidas numa intensa concentração. Murmuro “Deus, por favor, nos proteja”. Desta vez, sem a menor ponta de ironia.

Todo mundo no salão parece travar o mesmo combate visceral. Alguns se contorcem em suas cadeiras, outros claramente já se renderam, a boca aberta, imóveis feito cadáveres, enquanto outros parecem calmos e como que paralisados por visões de êxtase. Então, como um bizarro contraponto ao chamado do trovão, a ânsia começa.

Eu já sabia disso, mas nada poderia ter me preparado para o som deplorável dessa música violenta e abominável, a música do sofrimento físico angustiado. Mal sou capaz de controlar meu próprio intestino enquanto observo outros deixarem suas cadeiras e cambalearem sem a menor cerimônia pela porta. Alguns conseguem, outros não. Há baldes de serragem à mão para cobrir as desagradáveis poças de bile.

Por favor, faça isso passar, não quero vomitar, não quero passar vergonha aqui, faça isso passar.

Os mestres permanecem sentados, impassíveis e estóicos, no centro do recinto, como se tudo aquilo fosse normal. Também eles compartilharam a bebida, e em grandes doses, mas não parecem sucumbir à náusea crescente e ao desconforto dos demais.

Do lado de fora da janela mais próxima, uma alma torturada parece exorcizar uma legião de demônios das entranhas de seu inferno particular. Tento tapar os ouvidos com os dedos e respirar profundamente; sério, não posso suportar isso por muito mais tempo. Já não tremo, mas a anaconda dentro de mim está furiosa para deixar meu corpo. Gotas de suor começam a se formar em meu rosto e no peito, e os olhos ficam girando nas órbitas. Eu

decidi mesmo fazer isto? Eu devia estar fora de mim. Nunca me senti tão mal em toda minha vida, nem me lembro de ter sentido tanto medo. Outro estrépito de trovões faz coro com essa agonia, mas justo na hora em que imagino ter esgotado toda minha força de vontade para resistir, ouço o canto. Ouço a maravilhosa voz extraterrena do mestre de Manaus, desacompanhada, flutuando no ar úmido, enchendo o salão com a doce fragrância da melodia. Fecho os olhos, a melhor coisa para sorver o suave bálsamo da canção, e me vejo numa vasta catedral de luz.

A canção se tornou luz e cor, a arquitetura fantástica de Dante e Blake, e fico suspenso num teto de almas, um domo de hostes seráficas cujos arcos tocam o céu. As visões se transformam em espirais miraculosas, estruturas geométricas, torres, túneis, vórtices, câmaras. A claridade das visões e a eletricidade das cores são tão discrepantes da experiência da vida em vigília que parecem de uma ordem de realidade inteiramente diferente. E no entanto, abrir os olhos é regressar ao salão anterior. Mas não há alucinações. Não há distorção alguma da realidade visível; as cores e as visões são uma realidade à parte projetada no fundo das pálpebras. Fechar os olhos o transporta para esse outro mundo, tão real quanto qualquer outro, onde o som se transforma em luz e a luz se transforma em cor e a cor se transforma em geometria e a geometria precipita lembranças, histórias, emoções não só de sua própria vida, mas (é assombroso) também do que parece ser a vida de outros. Ou estou sonhando acordado ou morri.

Estou em um bombardeiro sobrevoando uma cidade fustigada pelas chamas, à noite; estou em um barco a vela num mar cinzento. Estou numa batalha e o trovão lá fora transformou-se no estrondo da artilharia. Estou afundado na terra de uma trincheira imunda e há alguém a meu lado no canto de meu campo de visão, quase uma sombra. Eu o chamarei de “o companheiro”. Há outros, também; a barragem de artilharia faz o chão tremer por todos os lados em torno de nós. São apenas rapazes em desajeitados unifor-

mes de combate e capacetes de aço salpicados de lama, assustados e tremendo no ar viciado do túnel. Eu também tenho medo e sacudo a cabeça, na tentativa de alterar a visão.

De repente, estou na cidade de minha infância, no norte da Inglaterra. Sou um garotinho fitando listas com centenas de nomes entalhados na pedra, sob o olhar de duas sentinelas esculpidas num bronze desbotado pelo tempo, as cabeças solenemente abaixadas para as coronhas de seus rifles virados. Minha mão de criança toca um frio pé de metal.

O trovão e a artilharia continuam e aqui estou eu, de volta ao chão com o companheiro, observando os outros se alinharem numa fila aflita sob a beirada da trincheira. Alguém tosse incontrolavelmente. De alguma forma sei que, quando o fogo cessar, será o companheiro, fora de meu campo de visão, quem dará a ordem de escalar a parede da vala em direção ao perigo. Posso sentir o medo outra vez em minha boca, tão acre e amargo quanto o líquido marrom que bebi. A artilharia subitamente fica em silêncio. Todos os rostos estão virados para o companheiro, mas ainda não consigo vê-lo.

Um apito distante é soprado, embora possa ser o chamado de um pássaro noturno nas profundezas da floresta tropical, e então mais outro, cada vez mais perto vindo pela fileira. O mestre ainda está cantando lindamente, mas com uma ocasional atonalidade, um lúgubre quarto de tom, perturbador e sobrenatural. Sei que o companheiro tornou-se sereno e rígido como uma das estátuas de bronze, com um apito escondido na mão.

“Assopre a porra do apito, sargento!”, grita uma voz anônima e furiosa, e ouço mais gritos irados ao longo da fileira.

“Vamos, sargento, caralho”, gritam, parecendo desesperados para matar ou ser mortos, e de repente me ocorre que alguns deles estão com medo de serem considerados covardes, com medo de sair de uma estirpe de brutalidade e crueldade tão velha quanto a própria história.

“Será que dá pra soprar a porra do apito?”*

Mas ninguém se mexe quando o fogo cerrado começa a pipocar lá no alto e sei que semeiam a morte através do arame farpado. Escutamos gritos de raiva e agonia. O companheiro não dá ordem alguma e ninguém abandona a relativa segurança da trincheira. O mestre mantém uma longa nota suspensa, que paira como uma chama no céu, enquanto a batalha terrível ruga a nossa volta.

Também estou furioso e confuso: o que diabos isso tem a ver comigo? Sinto-me como se estivesse numa espécie de teatro virtual, num experimento da realidade ou em um pesadelo acordado, mas do qual não consigo sair. Não há dúvida de que os vultos em torno de mim encontram-se em perigo mortal. Seu horror é palpável e terrivelmente sufocante. Contudo, ao mesmo tempo, tenho a inoportuna impressão de que sou a causa disso e de que estou sendo convidado a percorrer os domínios de meus medos mais profundos. Sinto também que não vou me ferir, mas que passarei por uma espécie de teste.

Minha cabeça gira com perguntas, mas sinto-me tão atordoado com a nitidez dessas visões que fico incapaz de falar e de sair dessa outra realidade que não é a minha. Há níveis de pensamento sob essas visões que as observam e comentam, e níveis ainda mais profundos sob estes, comentando-as por sua vez até o infinito. E assim o pensamento objetivo normal pode proporcionar conforto, permitindo à mente que saia de um perigo real ou imaginário, aqui a estratégia apenas faz crescer o medo de que não existe base para a realidade, de que a assim chamada realidade objetiva é apenas um conceito, e a percepção disso, penso, é comparável à loucura.

Nesse novo contexto, sou forçado a questionar os alicerces de minha seleta e privilegiada existência, minha vida num mundo de

—

* No original, “blow the whistle”, é também dedurar, contar a verdade sobre algo escuso ou erro. [N.T.]

amigos, colegas e família. Isso a que nos referimos como realidade não será meramente um consenso, um acordo entre nós de que determinadas coisas são reais, enquanto outras, não? Pode acontecer de eu estar nessa interface, agora, sofrendo calafrios numa igreja no meio da floresta com outras duzentas pessoas, mas também tiritando de medo numa trincheira escura e encharcada. É assim que eu acho que pessoas próximas da morte devem se sentir. Confusas, desorientadas e com medo.

Nossa espécie, como qualquer outra, tem a aniquilação gravada em seu DNA, a diferença é que nós sabemos disso. Como se pode aprender a morrer sem medo, a morrer com coragem, dignidade e aceitação? E por que temos de viver nesse terror paralisante do que está predeterminado? Quão preparados estavam meus pais para encarar a própria morte? E por falar nisso, quão preparado estou eu? Bem, a resposta franca é: nem um pouco. Acho que é por isso que me encontro aqui nessa trincheira pavorosa, porque tenho algo a aprender.

Jamais passei por uma experiência religiosa genuína. Digo isso com certo pesar. Já defendi a idéia da boca para fora, com certeza, mas uma epifania ontológica, devastadora, de destruir o ego, simplesmente nunca experimentei. Almas mais piedosas que a minha devem ter visitado esse reino por intermédio da prece, da meditação, da abstinência, ou ao passar pela experiência da proximidade da morte. A literatura religiosa está cheia desses relatos e, embora não tenha motivo para duvidar de sua veracidade, eu me arriscaria a dizer que tais experiências são raras. Para cada Santa Teresa d'Ávila, Ezequiel ou William Blake, há milhões como eu sem nenhuma experiência direta do transcendente, do eterno, do mistério insondável que jaz na base de todo pensamento religioso. Mas a *ayahuasca* levou-me para perto de algo, algo assustador, profundo, mortalmente sério.

Nunca fui capaz de aceitar inteiramente a idéia de reencarnação – já encontrei gente demais achando que foi Cleópatra ou Carlos I

em uma vida passada para levar a sério a permanência do ego após a morte. Acredito, contudo, que uma batalha, por exemplo, é um evento psíquico incomensurável capaz de provocar poderosos choques subseqüentes no que Carl Jung chamava de “inconsciente coletivo”. No dia 1º de julho de 1916, no início da Batalha do Somme, foram 50 mil baixas antes do meio-dia – e isso só entre os ingleses. Mas por que um episódio como esse deveria ser significativo para mim? Por que esse cenário em particular? Talvez eu tenha decorado poemas demais de Wilfred Owen* na escola ou estivesse sendo castigado pelo meu mórbido fascínio com o memorial de guerra local quando era criança. Não sei a resposta a essas questões e elas continuam a pulular em minha mente. Num caleidoscópio de cor, geometria fractal e estranheza, as visões continuam.

Sou agora uma testemunha invisível num tribunal militar. O companheiro está postado entre dois soldados e é interrogado num jargão legal bastante preciso que devo ter lido em algum lugar ou escutado num filme, sem sabê-lo conscientemente. Ele não deixa transparecer emoção alguma conforme a sentença é lida. Viro a cabeça e estamos num campo cinzento gelado que toma forma à luz tênue do amanhecer. Há um pelotão de fuzilamento disposto numa fileira imperfeita diante de nós. Parecem reticentes, alguns furiosos de estar ali fora naquele campo gelado, arrastando os pés no chão como cavalos nervosos, a respiração visível no ar frio da manhã, mas quando observo mais de perto vejo que são os mesmos rostos dos rapazes na trincheira. Os rifles são erguidos e apoiados nos ombros quando a ordem de apontar é dada através do campo vazio e sinto um calafrio ante a certeza de que aqueles rapazes vão matar o homem que os salvou. O instante está paralisado como um quadro e eu sou sua testemunha.

–

* Wilfred Owen (1893-1918): poeta inglês, morto em combate, cuja obra reflete suas experiências na Primeira Guerra Mundial. [n.t.]

A canção do mestre torna-se uma melodia fúnebre e lamentosa. Meus olhos se enchem e começo a chorar, em silêncio no início, depois convulsivamente, com soluços incontroláveis. Meus olhos vertem sal amargo enquanto todas as cores através sangram para o vermelho.

O tempo passa. Estou no útero de minha mãe e a canção do mestre tornou-se a voz de meu pai. Por que eu deveria ficar surpreso de que esta tristeza esmagadora, esta traição, esta tragédia sinistra evocasse a lembrança remota de meu pai atormentado e de minha mãe, minha linda e triste mãe?

Ele era um soldado elegante, recém-saído do Exército, e ela, uma jovem esposa de uma beleza estonteante que foi acabar em um naufrágio emocional, vítima do câncer de mama com cinqüenta e três anos, enquanto ele sucumbiria poucos meses depois, com cinqüenta e sete. Eu era a menina dos olhos verdes dela, seu fruto vermelho e brilhante, e uma pedra no sapato dele, e tínhamos assuntos pendentes. Por isso estamos juntos nessa estranha câmara de ecos que é minha memória. Estou, como sempre estive, cercado por fantasmas.



Minha mãe era magra e atraente, com longos cabelos claros e olhos verdes extraordinários. Tinha pernas bonitas, usava saias curtas e sapatos de salto agulha com bico pontudo, e me recordo, com um misto de orgulho e vergonha, que os homens assobiavam quando ela passava na rua, disfarçando quando ela se virava para dirigir um olhar glacial na direção do assobio. Era orgulhosa e difícil de agradar. Deixara a escola com quinze anos e começou a trabalhar como cabeleireira, desenvolvendo assim uma altivez convincente e um senso elevado de sua própria excepcionalidade. As pessoas suspiravam quando passava, mas ela sentia que não era como os outros, nem queria ser. Seu nome era Audrey e quando meu pai

a conheceu não tivera mais que uns poucos namorados antes dele. Ele foi seu primeiro amor.

A lembrança mais antiga que tenho de minha mãe coincide com minha lembrança musical mais antiga: sentado no chão enquanto ela tocava piano, eu observava as solas de seus pés subindo e descendo nos pedais em estranho contraponto rítmico ao balanço do tango que ela tanto amava. Eu ficava fascinado como ela traduzia as marcações das folhas escritas à mão em música. Essa habilidade casava com seu estilo inato, criando um charme apaixonante em torno dela.

Lembro-me também de minha mãe tocando piano na sala da frente da casa de meus avós, enquanto meu pai, que tinha uma voz bonita de tenor, cantava uma versão chorada da valsa de Huddie Ledbetter “Goodnight Irene”.

Last Saturday night I got married

Me and my wife settled down

Now this Saturday we have parted

*I'm taking a trip downtown.**

Meu pai apreciava as *big bands* dos Dorsey Brothers e de Benny Goodman, mas foi minha mãe quem trouxe o rock para dentro de casa em gravações de 78 rpm em acetato negro com selos em cores vivas da MGM, RCA, Decca. Little Richards miava como um gato no cio em “Tutti Frutti”, Jerry Lee Lewis pregava “Great Balls of Fire” como um evangelista demente e Elvis murmurava “All Shook Up” com o que eu identificaria mais tarde como sendo uma insinuação sexual desenfreada. Essas gravações me levariam a inocentes ataques de alegria, rolando e sacudindo no chão numa espécie de êxtase reli-

—

* Sábado passado me casei / Eu e minha esposa sossegamos / Sábado agora separamos / Vou dar uma volta no centro. [N.T.]

gioso. Ela também trouxe para casa todos os álbuns dos shows da Broadway de Rodgers e Hammerstein (*Oklahoma!*, *Ao sul do Pacífico*, *Carrossel*, *O rei e eu*), além de *My fair lady*, de Lerner e Loewe, e *West side story*, de Bernstein. Toquei esses discos até acabar, apaixonando-me pelo ritual meticuloso de removê-los dos plásticos gastos e das capas sujas com a ponta dos dedos, soprando a poeira que se juntara desde a última vez e pousando-os delicadamente no aparelho.

Nunca tive preconceito contra estilos musicais; eu escutava tudo com a atenção arrebatada de um neófito. Mais tarde, quando estudava para me tornar um músico, eu tocava discos de 33 rpm na velocidade de 45 rpm para revelar as linhas do baixo, resgatadas das entranhas dos arranjos uma oitava acima, e tocava os de 45 rpm em 33 para que pudesse apreender as passagens rápidas das oitavas mais altas numa velocidade mais lenta. Percebi com essas experiências que qualquer coisa, por mais complexa que fosse, podia ser desconstruída e apreendida – era só deixá-la lenta o bastante para que fosse realmente ouvida. A mecânica simples do toca-discos permitia isso, e quando eu escutava o reconfortante ruído da agulha antes das notas de abertura de *Oklahoma!*, ou dos acordes iniciais de Gene Kelly cantando “Singin’ in the Rain”, ficava tão hipnotizado com a lentidão robótica do braço mecânico movendo-se sobre a superfície do disco quanto com a própria música.

Moramos numa úmida casa vitoriana sem aquecimento central. É minha mãe quem vai me ensinar a alimentar o fogo da lareira na sala, que é nossa única fonte de calor. Começamos com folhas de jornal enroladas, grandes páginas do *Evening Chronicle* dobradas diagonalmente como longas velas e depois em sanfona para garantir um fogo lento, junto com algumas caixas de ovos, uns poucos gravetos de madeira e, finalmente, o carvão, espalhado como inestimáveis tesouros negros no topo da pilha.

Os fósforos estão sobre o aparador da lareira, perto do relógio. Tenho sete anos de idade agora e altura suficiente para alcançá-los, se ficar na ponta dos pés.

“Posso acender, mãe? Eu sei. Por favor! Posso?”, eu imploro, desesperado para moderar minha ansiedade com a sensação de que já cresci o bastante para ser responsável.

“Pode acender o fogo, filho, mas não deixe os fósforos perto do seu irmão; deixe sempre no alto, entendeu?”

Adoro a expressão que ela usa: sempre no alto.

“Agora, tome cuidado para acender de baixo para cima, não de cima para baixo.”

“Tá, mãe.”

“Só vai dar certo se você acender por baixo, é por isso que montamos deste jeito. O carvão só pega se a madeira estiver acesa e a madeira só queima se o papel estiver aceso.”

“Tá, mãe”, digo outra vez, manuseando desajeitadamente a caixa de fósforos e pondo fogo no *Evening Chronicle* da noite anterior.

“Muito bom”, diz ela, um pouco orgulhosa. “Agora me ajude a arrumar, isto aqui está parecendo um brechó.”

Outra de suas expressões. Eu não fazia idéia do que fosse um brechó,* embora aquilo certamente descrevesse a desordem e o caos que sempre ameaçavam invadir a casa se não a colocássemos em ordem depois da passagem de meu terrível irmãozinho menor.

“Ainda vou dar um jeito naquele moleque”, dizia ela.

Mais tarde ela me ensinou que, mesmo quando o fogo está se apagando, um atizador no lugar certo pode avivá-lo outra vez. E me avisou que qualquer coisa que chegue perto do fogo muito quente também pega fogo. Ensinou-me como deixar preparado o fogo para a noite, fazendo com que fique com pouco oxigênio, sem se extinguir, e como avivá-lo pela manhã.

Quando criança, eu podia passar o dia todo olhando para o fogo. Ainda posso, perdido em visões de torres desabando, antigos reinos fulgurantes e catedrais cavernosas, na verdade, continentes inteiros de imaginação em brasa. Minha mãe ensinou-me esta

—

* No original, *tagarene shop*, uma expressão arcaica. [n.t.]

mágica, que continua comigo. Ela também me ensinou a passar uma camisa a ferro, a fritar um ovo, a usar o aspirador de pó, tudo no espírito do ritual e da boa ordem, mas apenas a música e o fogo guardavam um ar de segredo e conhecimento arcano, que me ligavam a ela como um aprendiz de feiticeiro. Minha mãe foi a primeira mestra de minha imaginação.

Meu avô materno, Ernest, gozava de uma certa reputação na cidade de Wallsend, onde morava a família da minha mãe, embora os boatos acerca dele talvez houvessem sido exagerados por conta de sua aparência. Era alto, extraordinariamente belo e elegante demais para passar despercebido das fofoqueiras locais de uma cidade pequena. Em minhas lembranças, há sempre algo aventuroso e romântico em torno de sua pessoa. Ele não tinha nascido ali, o que era mais um motivo para desconfianças. Viera da Ilha de Man. Numa fotografia do casamento de meus pais, nota-se uma arrogância de sabedoria em seus olhos, as sobrancelhas arqueadas com ar zombeteiro e divertido, o cínico peito estufado de um mulhengo. Ele não tinha muito tempo para mim e ganhava a vida como representante de seguros da Sun Life, do Canadá. Andava no que as pessoas da época chamavam de um carro “vistoso”. Lembro-me bem: um Rover, com estribos nas laterais e faróis cromados brilhantes presos em suportes. Era, para mim, um sujeito distante e misterioso, mas minha mãe o adorava.

A única lembrança que tenho de minha avó materna é assustadora. Lembro-me de seus dentes num copo junto à cama, toda uma dentadura rindo para mim com seu ricto malévolos. Soube depois que ela me adorava. Eu não me lembro; morreu antes de ser pouco mais que uma sombra para mim, mas seu nome era Margaret.

Meu pai tinha vinte e quatro anos quando nasci, a mesma idade que eu tinha quando fui pai pela primeira vez. Ele havia completado o serviço militar na Alemanha com os Royal Engineers. As fotos mostram um homem moreno e bonito em seu uniforme

marrom e verde-oliva, uma *Fräulein* sorridente no braço e um caneco de cerveja e um cigarro nas mãos. Eu gosto de olhar para essas fotos de meu pai em sua época mais feliz e me pergunto se consigo ver a mim mesmo naqueles olhos escuros, ou pelo menos uma sugestão de que um dia eu existiria, junto com o pensamento assustador de que tanta coisa neste mundo poderia ter acontecido sem mim. Acredito que meu pai tenha tido a grande época de sua vida na Alemanha e ele muitas vezes sugeria que foi isso mesmo. Com ares de importância, ele costumava dizer que “ocupara” a Alemanha, talvez para compensar o fato de que era jovem demais para realmente ter lutado contra os alemães. Além disso, farrear com as mulheres deles era uma alternativa muito mais atraente. Não que meu pai fosse um fanfarrão, apenas queria que todos sentissem orgulho por ele ter “feito sua parte”, por ter visto um pouco do mundo e alcançado seu status como um homem.

“Está vendo essa divisa no meu uniforme, filho? Aspirante, Royal Engineers, este era eu. Construir pontes, mandá-las pelos ares e voltar a erguê-las; eu devia ter ficado no Exército.”

Depois de uma cerveja ou duas começava a se repetir quanto à promessa daqueles dias aparentemente despreocupados, uma era dourada diante da qual o presente simplesmente não estava à altura. E havia sempre a acusação velada de que fora enredado nesta vida por nós, particularmente minha mãe. Só muito mais tarde, quando as coisas começaram a dar errado, meu pai admitiria o quanto ela o amara nos primeiros tempos. Como o esperava toda noite ao voltar do trabalho e lançava os braços em torno de seu pescoço quando ele se aproximava da porta. Arrependimento foi um tema constante na vida de meu pai até o fim.

Nascido no porto de Sunderland, em setembro de 1927, ele foi batizado com o nome de Ernest, o mesmo de meu avô materno. Imagino que o nome em comum fosse um grande assunto no primeiro encontro de meus pais. Posso ver minha mãe voltando para casa corada de empolgação, contando de um só fôlego para a

irmã Marion que conhecera um homem lindo no baile de sábado, e “adivinha só o nome dele?”.

A família de meu pai era católica e a de minha mãe, anglicana. Os assim chamados casamentos mistos ainda não eram bem vistos pelas autoridades eclesiásticas, mas não tanto quanto na geração precedente, em que a mistura de crenças provocara alguma controvérsia histórica, segundo se dizia na família. Tom, meu avô, contrariara os desejos de seu pai caninamente protestante ao se casar com Agnes White, minha avó, uma jovem proveniente de uma família irlandesa. Agnes deixara a escola aos catorze anos para trabalhar numa “grande casa” e, sendo filha de um estivador irlandês no cais de Sunderland, era considerada como de posição social inferior à de meu avô. Ela era a segunda filha mais nova de uma típica família irlandesa de dez irmãos; era bonita, religiosa e dona de uma inteligência aguda. Posso imaginá-la intimando meu avô a desistir de seu a essa altura amarelado protestantismo e a converter-se à Igreja Romana. O velho Tom apreciava sua vida tranqüila e Agnes sempre conseguia as coisas a seu modo.

A controvérsia familiar também dizia respeito à decisão de meu avô de abrir mão da herança para se casar com a bela Agnes. Os Sumner tinham alguma relação com a marinha mercante e houve pelo menos dois comandantes na linhagem familiar no século XIX, mas se essa tal de herança era algo digno de nota, não sei. Desconfio que a “fortuna familiar” ou “a estirpe mercante” de que meu avô abriu mão por amor talvez se valesse de uma grandiosidade vaga e uma presunção romântica. De que ele amava minha avó, não resta dúvida, mas o assunto nunca discutido permaneceu por toda a vida de meu avô, assim como com meu pai; a idéia de que o presente não estava à altura do que renunciara no passado, de que também ele fora enredado na instituição do casamento e da família e de que não havia escapatória.

Meu avô Tom tornou-se construtor naval no estaleiro à margem do rio Wear. Montava navios-tanque e encouraçados antes de

serem batizados e levados ao mar. Ele e Agnes tiveram cinco filhos, duas garotas e quatro meninos, dos quais meu pai era o mais velho. A segunda gravidez dela resultou em gêmeos – isso só foi descoberto durante o parto – e só um dos bebês sobreviveu. Anos mais tarde, Agnes contaria a minha irmã que rezara a Deus para levar um deles embora, pois tinha medo de não ser capaz de alimentar os dois. Ao que parece, sua prece foi atendida. Gordon, o gêmeo que ficou, manteve a ânsia de viver. Meu pai me contou que vivia encrencado. Seu passatempo favorito era deitar entre os trilhos do trem enquanto os vagões cheios de carvão passavam acima de sua cabeça. Devia imaginar que era imortal. Meu tio Gordon migrou para a Austrália antes que eu nascesse e dedicou-se à prospecção no deserto em torno das montanhas Darling Range, e fui batizado em sua homenagem.

O catolicismo de minha avó era uma espécie de centro não só de sua vida espiritual, mas também da vida familiar no mundo exterior. Ela se tornou governanta de um jovem padre chamado Thompson, que eu viria a conhecer como padre Jim. Um agregado simpático e puro que sempre me pareceu parte da família. Como um personagem de P. G. Wodehouse, tinha um sotaque afetado inacreditável e o ar distraído de um intelectual desalinado e deslocado, perambulando pela casa em seu colarinho clerical, sotaína e barrete, sandálias franciscanas, meias pretas, óculos. Agnes parecia obcecada pelo padre Jim. O sacerdócio e o inocente gosto livresco do bom padre, combinados a seu tom melódico e balbuciante de *upper class*, eram um poderoso coquetel para uma atrevida garotinha irlandesa de Sunderland. Jamais houve qualquer sugestão de algo impróprio no relacionamento dos dois, era sempre “padre Jim fez isso” ou “padre Jim fez aquilo” e o pobre velho Tom raramente tinha chance de “participar” ou opinar no que quer que fosse. Apenas ficava sentado em silêncio num canto dedilhando velhas músicas de teatro de variedades em seu bandolim, fitando o nada e murmurando alguma canção inaudível.

Na época em que nasci, em outubro de 1951, eles haviam se mudado para Newcastle com o padre Jim, que fora designado para superior do Convento do Bom Pastor, na região nordeste da cidade. Ali, chefiava um grupo de freiras que cuidavam de um reformatório feminino e administrava uma lavanderia que provia o clero local de roupas de cama e toalhas de altar limpas. Nunca pude chegar perto de nenhuma das garotas, mas meu avô era encarregado de cuidar do forno de coque no porão do convento e das peruas que recolhiam a roupa suja e a entregavam de volta, imaculadamente branca. Enrolava os próprios cigarros e estava invariavelmente vestido com seus surrados jeans azuis e boina preta do Exército. Era dissimuladamente lacônico. Reza a lenda familiar que certo dia, no almoço, padre Jim refletia em voz alta sobre a mensagem que seu sermão dominical deveria encerrar.

“Encerre em cinco minutos”, brincou meu avô, em voz alta o bastante para ser ouvida; recebeu um olhar hostil e homicida de Agnes e outro atônito do padre. Meu avô era uma figura e eu ficava fascinado com seus longos silêncios e com os pêlos que brotavam de seu nariz enorme e de suas orelhas, cada vez maiores à medida que seu corpo diminuía.

Uma casinha adjacente ao convento resultou do trabalho de meu avô (padre Jim era o convidado permanente para jantar). Nossos vizinhos eram os Dooley, que administravam a fazenda do convento. O velho Dooley costumava me levar para alimentar os porcos no campo principal e me presenteava com histórias terríveis sobre porcas enormes e horrendas que cortavam rapazinhos em dois com seus dentes sem maiores explicações. Por isso sempre mantive distância deles, sobretudo depois que me contaram que porcos eram tão inteligentes quanto seres humanos e igualmente perversos. Até hoje consigo ver o velho Dooley com seu cachecol cigano, as galochas abaixadas e o imenso cinto de couro de pirata que lhe emprestava um ar de valentão. Acho que a caminhada pelo chiqueiro equivalia, para ele, a caminhar em uma prancha.

Agnes não aprovava os Dooley. Achava-os rústicos e desleixados, enquanto ela aspirava a alguma sofisticação. Fazia as palavras cruzadas do *Times* todos os dias e recebia as obras condensadas de literatura do *Reader's Digest*, explicando que, já que não recebera uma educação de verdade, tinha de pegar alguns atalhos. Sempre se interessou por livros e os amava, encorajando-me a fazer o mesmo.

Agnes guardava seus livros em estantes que iam do piso ao teto num pequeno cômodo junto à lareira. Gastava grande parte de seu tempo na poltrona com um livro na mão, os óculos de leitura de aro de tartaruga empoleirados no nariz e a torre de livros crescendo atrás dela, como um testemunho de seu aprendizado. Nunca jogava um livro fora. Mas emprestou-me *A ilha do tesouro* de Robert Louis Stevenson quando eu mal completara sete anos e, com apenas um mínimo de conhecimento, mergulhei nele com a mesma obstinação belicosa que aplicaria mais tarde à corrida *cross-country*. Não era exatamente uma abordagem intelectual, mas se provaria útil de diversas formas. Entre outras, musicalmente. Também me serviu para ler *As vidas dos santos*, que não poderia mesmo causar-me grande impressão.

Agnes me disse muitas vezes que se eu possuía algum cérebro, então só poderia tê-lo herdado dela. E foi assim, em larga medida por intermédio da proteção e do encorajamento de minha avó, que comecei a pensar em mim mesmo como um rapazinho brilhante.

Minha própria família começou numa rua de casinhas conjugadas perto do estaleiro da Swan Hunter, em Wallsend. Minha mãe nasceu e foi criada ali, na margem norte do rio Tyne, entre Newcastle e o Mar do Norte. Wallsend é onde o imperador Adriano decidiu terminar seu muro, em 122 d.C., depois de visitar aquele limite setentrional desolado de seu vasto império. A Muralha de Adriano ziguezagueia como uma serpente gigante por quase cento e trinta qui-

lômetros através de pântanos e colinas entre Barrow-in-Furness, na margem oeste, e o rio Tyne, a leste. Acredita-se popularmente que o muro foi erguido para manter a distância escotos e pictos, mas na verdade foi construído como um meio de controlar o comércio entre o norte e o sul e, desse modo, controlar a população do que viria a ser o norte da Inglaterra. Traduzir a descrição latina de *segedunum* para o deprimente prosaísmo da palavra Wallsend* parece mesmo o fim do mundo, e acho que se você fosse um legionário romano metido em seu saiote de couro, destacado para esse lugar esquecido por Deus e fustigado pelo vento, iria concordar. Quando o estaleiro em nossa cidade foi ampliado, no começo do século xx, foram descobertas as ruínas de um templo em honra a Mitra, deus da luz, uma divindade popular entre soldados romanos da infantaria; alguns anos atrás, quando demoliram minha velha rua, encontraram todo um acampamento romano sob as pedras do pavimento.

Quando as legiões finalmente regressaram a Roma por volta de 400 d.C., a região sofreu invasões constantes, em geral vindas através do Mar do Norte, de saxões, dinamarqueses, jutos, vikings e normandos, bem como de escoceses. A posse política do lugar mudou de mãos tantas vezes ao longo dos séculos que os moradores começaram a sentir que não pertenciam a ninguém senão a si mesmos, nem a escoceses, nem a ingleses. Chamávamo-nos de *Geordies*, por motivos históricos que continuam a ser debatidos pelos historiadores locais mas foram há muito tempo esquecidos pela maioria de nós. O que permanece é uma feroz identidade regional apoiada em sua singularidade por um dialeto que às vezes pode ser engenhosamente ininteligível para os demais habitantes das Ilhas Britânicas.

Alguns navios famosos foram construídos no Tyne. O *Mauretania*, feito para a Cunard Line, detinha o recorde de travessia do

—

* *Wall*: muro, muralha; *end*: fim. Daí o nome do lugar. [n.t.]

Atlântico. Seu navio irmão, o *Lusitania*, foi afundado por um submarino alemão no início da Primeira Guerra Mundial, o que precipitou a entrada dos Estados Unidos no conflito. Na época em que vivi lá, o *Esso Northumbria*, um petroleiro de 250 mil toneladas e a maior embarcação do mundo, foi construído no fim da rua em que eu morava, onde se situava o estaleiro. O navio ficou obstruindo o sol por meses antes de finalmente ser lançado às águas do rio e do Mar do Norte para nunca mais voltar.

Havia algo de pré-histórico naquele estaleiro; os esqueletos gigantescos dos barcos e os trabalhadores, minúsculos em comparação, suspensos na enorme gaiola recortada contra o céu. Os guindastes também pareciam enormes bestas pré-históricas, monstros metálicos pastando despreocupadamente e movendo-se com lentidão artificial acima do pátio lotado e do fulgor do acetileno.

Todos os dias, às sete da manhã, a sirene tocava no estaleiro, um lamento triste chamando os trabalhadores para o rio, e centenas de homens enfileiravam-se pela minha rua com seus macacões, chapéus e botas de trabalho. Às costas, muitos carregavam seus embornais de ex-combatentes para a hora da “bóia” – sanduíches e garrafas térmicas. Fora os mineradores de carvão e os cordoeiros, todos em Wallsend pareciam trabalhar para a Swan Hunter. Olhando para eles, eu ficava imaginando como seria meu próprio futuro e que tipo de trabalho seria capaz de fazer. Será que me juntaria àquele vasto exército de homens para passar meus dias no ventre de gigantescas embarcações?

Nos domingos de manhã meu pai levava meu irmão e eu até o porto para olhar os barcos. O *Leda* era um vapor norueguês que navegava semanalmente de Oslo a Newcastle e novamente de volta pelo Mar do Norte, cobrindo a mesma rota dos antigos vikings. Lembro-me de meu pai fitando com ar sonhador a ponte de comando e os cordames que prendiam as proas dos navios ao cais. “Ao mar!”, meu pai sempre me dizia, e sei agora que ele falava para si mesmo enquanto jovem, remoendo seu cativo em terra.

Tendo recebido treinamento no Exército, meu pai pôs em prática o que aprendera em engenharia na oficina De la Rue, onde construíam enormes turbinas e motores para navios de alto-mar. Não éramos uma família rica, mas meu pai ganhava o suficiente para que minha mãe parasse de trabalhar e cuidasse de mim em casa.

Três anos depois de mim, nasce o meu irmão, Phil, e meu pai toma mais uma decisão da qual se arrependerá pelo resto da vida.

Quando completo cinco anos, em 1956, ele decide abandonar o trabalho como engenheiro e assumir a gerência de uma lanchonete. O dono, um amigo de meu avô Ernest chamado Tommy Close, está se aposentando e precisa de alguém para cuidar do negócio. A vantagem para meu pai é que ele será praticamente o próprio chefe e que junto com o emprego virá um grande apartamento de dois andares acima do estabelecimento para acomodar a família que está crescendo – minha irmã, Angela, que vem um ano depois de Philip, está a caminho.

Sob a casa fica a venda de leite, sorvete, chocolate, doces e garrafas de refrigerante – Orange Crush, limonada e o meu favorito, dente-de-leão e bardana. Há duas assistentes: Betty, uma adolescente gordinha e histérica com um namorado valentão, que todo mundo acha que bate nela, e Nancy, uma ruiva espevitada que se tornará confidente de minha mãe e uma espécie de cúmplice. Nos fundos do estabelecimento fica o pátio, com dois carrinhos elétricos e um furgão Trojan a diesel nos quais o leite é entregue todas as manhãs. A cidade é dividida em três turnos de entrega entre meu pai e dois outros leiteiros, Ray e seu irmão mais jovem, Billy. Ray é um tampinha boca-suja e grosseiro com o cabelo alisado para trás à base de brilhantina. Ele me mostra sua hérnia sempre que pode: “Parece uma porra de uma laranja, olha só”. Seu educado irmão Billy é um sujeito de fala mansa, prematuramente calvo como uma bola de bilhar.

Com a idade de sete anos, nas férias escolares e nos fins de semana, saio para trabalhar com meu pai em seu turno de entregas

no conjunto de casas de High Farm e nas cabanas dos mineiros, na zona norte da cidade. Ele trabalha sete dias por semana, todos os dias do ano, exceto o Natal. Meu pai é o chefe, mas não pode se dar ao luxo de tirar férias. Quando vou junto, sou arrancado da cama às cinco da manhã, deixando meu irmãozinho mergulhado no sono, e me cubro com as roupas que encontro. Às vezes, no inverno, está tão frio que há uma camada de gelo do lado de dentro da janela e tenho de me vestir todo atrapalhado sob os cobertores, com a respiração condensando no ar gelado. Desço cambaleante ao andar de baixo, onde meu pai serve o chá, e começo a acender o fogo antes que o resto da família se levante. Enchemos o furgão vestindo velhas luvas de couro com os dedos cortados e erguendo os engradados de metal o mais delicadamente possível, a fim de não acordar os vizinhos. Logo abrimos caminho através das ruas escuras e vazias. Aí aprendo a amar a qualidade única do início das manhãs. Enquanto todos estão enfiados em suas camas, move-mo-nos em silêncio como ladrões e parecemos os donos das ruas, investindo-as de um glamour secreto e misterioso, que evapora à medida que a manhã progride. Até hoje acho difícil continuar deitado. Sou sempre o primeiro a me levantar – dormir bastante nunca será um de meus talentos.

Os invernos de minha lembrança são severos e há manhãs em que não sinto nada nos pés por horas a fio, as mãos e o rosto azuis de frio. Quando as ruas estão cobertas de gelo, fica impossível para Bessy (como meu pai afetuosamente chama o carro) subir as íngremes ladeiras perto do rio. Lembro-me de haver completado um bocado de entregas usando meu trenó. Às vezes, o frio faz o creme no topo das garrafas transbordar pelas tampas de estanho, formando sólidos cilindros de leite congelado que se projetam dos gargalos como estranhos cogumelos. Sei que ninguém vai pagar por elas, mas o que podemos fazer? Meu pai põe um pequeno fogão a parafina na boléia nos dias em que faz frio para valer, mas isso torna o ato de entrar e sair do furgão algo extremamente dificultoso.

Como meu pai é durão e estóico, eu também nunca reclamo, nem peço para ficar em casa. Quero que ele sinta orgulho de mim. Também quero ser como ele, então aprendo a carregar seis garrafas cheias de leite de uma vez nas mãos e duas sob os braços. Decoro os números das casas e quantos litros ficam em cada uma, informando a meu pai se houve alguma mudança. Quando isso acontece, ele anota num livrinho. Na minha opinião, sou bom no que faço, mas ele jamais me elogia.

Todas as manhãs, às sete e meia, fazemos uma pausa e observamos a fumaça subir da imensa pilha de escória que há atrás da boca da mina e que parece um vulcão artificial. Sentamo-nos em silêncio e mastigamos nossos sanduíches frios de bacon, ele mergulhado em seus pensamentos, eu, nos meus. Meu pai às vezes torna-se distante e taciturno, mas eu não ligo, porque os silêncios permitem à minha imaginação correr solta. Crio todos os tipos de futuros fantásticos para mim mesmo conforme vou de porta em porta, os braços cheios de garrafas de leite: vou viajar pelo mundo, vou ser o chefe de uma grande família, terei uma grande casa no campo, serei rico, serei famoso.



Minha tia Amy, que não tinha parentesco algum conosco, morava na casa ao lado (todos os vizinhos eram tios, nessa época). Embora devesse estar perto da aposentadoria, trabalhava no escritório do estaleiro e nos dias de lançamento levava-me para ver os enormes *jérobams* de champanhe, quatro vezes o tamanho de uma garrafa normal, que seriam espatifados por algum figurão convidado contra o casco do navio ao ser batizado. Ela me punha de pé sobre a mesa onde a garrafa gigante, envolta em fitas coloridas e brilhantes, aguardava a hora da cerimônia. Lembro-me de que era mais alta do que eu, na época. Também me lembro de sentir uma nítida sensação de medo, depois, quando a garrafa era espatifada violentamente contra o casco de aço, a espuma branca fluindo como saliva pelos lados da

embarcação e os brados de vivas dos homens quando começava a deslizar para trás, rumo ao rio, sufocada por uma terrível cacofonia de aço, escoras de madeira e enormes correntes de ferro. Certa vez, a rainha-mãe apareceu no estaleiro para lançar um barco e, conforme descia nossa rua em seu Rolls-Royce, com uma escolta de motos seguida de uma carreta de dignitários cívicos usando cartolas, todos acenamos com nossas bandeirinhas do Reino Unido. Naquele dia fiquei convencido de que ela sorriu para mim. Hoje vejo que os barcos deixando o rio se tornaram uma metáfora de minha própria vida errante: uma vez tendo caído no mundo, jamais regresssei.

Um dia, minha mãe e eu visitávamos tia Amy – é uma das poucas amigas de Audrey na rua e se tornou algo como uma figura materna para ela após o falecimento de Margaret, sua própria mãe. Amy está sempre bem vestida, o cabelo todo arrumado e, com seus sapatos de salto baixo, meias grossas de inverno e saias de *tweed*, transmite um ar de respeitabilidade de classe média. Minha mãe vê Amy como alguém em quem se inspira, e em meio a infundáveis xícaras de chá elas tagarelam sobre nada em particular, pelo menos, sobre nada que me diga respeito. Tento me mostrar interessado na medida do possível para um garoto de sete anos de idade em tais circunstâncias, mas logo fico entediado e começo a interromper, fazendo perguntas do tipo: “Quando vai ser o próximo lançamento, tia Amy? Podemos ir? A senhora sempre trabalhou no estaleiro?”. Com a maior inocência, mas deixando que minha curiosidade extraia o melhor de mim, pergunto: “Por que a senhora não tem marido?”.

Há um momento de silêncio perplexo e minha mãe parece horrorizada, então percebo de imediato que disse algo terrivelmente errado. Tia Amy parece desorientada por um minuto, mas logo recobra a compostura.

“Eu tive um marido”, diz, “mas ele morreu na guerra”. Ela me lança um olhar bondoso. “Foi um soldado muito corajoso”, diz, calmamente, e assim ela e minha mãe voltam a bebericar suas

xícaras de chá, como que sincronizadas num ritual de solidão e pesar reprimidos.

Agora fiquei assustado demais para perguntar o nome dele ou se é um dos listados no memorial de guerra, e nunca mais toco no assunto.

Em breve tia Amy vai ficar doente e incapaz de trabalhar no estaleiro; todas as manhãs, antes de me mandar para a escola, minha mãe me dará uma xícara de chá com uma gota de leite, uma colher de açúcar e um único biscoito digestivo no pires para levar na casa ao lado. Tenho a chave e entro, com cuidado para não entornar o precioso chá. Bato de leve com a mão livre na porta do quarto de Amy e entro no aposento escuro onde paira um esquisito odor que não consigo identificar. Acho que é o cheiro da doença. Ela agradece e segura um pouco minha mão. Passam as semanas e tia Amy será a primeira pessoa que conheço em minha vida que irá morrer. Minha mãe chora o dia inteiro e não consigo consolá-la. “Então isto é a morte”, digo a mim mesmo, e começo a ter fantasias de catástrofe, fico obcecado com a idéia de meus pais morrendo ou de que uma guerra irá subitamente estourar e serei abandonado, mas não compartilho esses pensamentos com ninguém.

O caminho que dá nos fundos de casa é de pedras arredondadas e sempre encontro um tufo de grama brotando entre as pedras cinzentas. Talvez as sementes tenham sido carregadas por um pássaro ou sopradas ali pelo vento. Sonho muitas vezes que todos os minúsculos tufos de grama irão se juntar um dia e transformar o caminho num lindo jardim, verde, verde, verde. Mas estou sempre sonhando e a paisagem permanecerá obstinadamente cinza, suavizada apenas pela muda plumagem que luta pela vida entre os tijolos e as pedras.

Há duas lojas depois da casa de tia Amy, uma loja de porcelana onde ninguém nunca parece entrar e depois a Trotters, os barbeiros,

onde meu pai e eu cortamos o cabelo. Ambos recebemos um “nuca e lados curtos” e eu, como sou pequeno, tenho de me sentar numa tábua atravessada sobre os braços da cadeira do barbeiro. Adoro sentir o áspero arpejo de meus dedos passando pelos cabelos curtos em minha nuca recém-aparada. No entanto o que mais me fascina é o cheiro e a atmosfera exclusivamente masculina da barbearia: as tiras de couro em que eles, com gestos amplos, afiam as navalhas; os floreios do pincel de barba; o perfume penetrante do creme e da loção; a progressiva chuva de cabelos sobre o assoalho e o *tic-tic* das tesouras em meio à linguagem pitoresca e discreta de homens longe de ouvidos femininos.

Ao lado da barbearia fica o prédio do jornal, onde a máquina imensa e ruidosa imprime o *Evening Chronicle* de Newcastle no começo da noite e o *Journal* pela manhã. Meu melhor amigo, Tommy Thompson, vende os jornais na esquina do prédio para os trabalhadores do estaleiro quando chegam e quando saem. Tommy e eu somos amigos desde o primeiro dia de aula. Ele tem olhos escuros de cigano e uma vasta cabeleira preta arrumada num topete alto, imitando seu irmão mais velho, um cara durão. Há uma gangue de rapazes metidos a valentes que aterrorizam a cidade, ou pelo menos gostam de achar que sim. Embora Tommy seja extremamente doce, sua pose estudada de valentão – uma espécie de Gene Vincent precoce –, sua insolência fanfarrona e sua atitude provocadora parecem colocá-lo em constante conflito com a autoridade. Ele enrola os próprios cigarros, vai para a escola só quando tem vontade, rouba uns troços na Woolworth com uma coragem inacreditável e possui um conhecimento desconcertante sobre perversões sexuais, com todo o vocabulário apropriado.

“Ei, você sabe o que é espanhola?”

Envergonhado e igualmente fascinado, respondo que não.

“Não, Tommy, não sei...”

“É quando o cara tira o pau pra fora, entendeu, e enfia ele no meio das...”

Tommy não vai à igreja e diz que não acredita em Deus. É meu primeiro herói existencial.

Nas vezes em que consigo convencer meu amigo mais experiente após uma longa conversa, ele me deixa ficar vendendo o *Chronicle* enquanto volta para o prédio do jornal para fumar e tomar uma xícara de chá. Ele me ensina a gritar o nome do jornal na rua, alongando as vogais para que soe como “*eevenaienn chroaniicaaell*”, entoado a plenos pulmões. Preciso sempre me certificar de que minha mãe não está na rua quando faço isso, pois ela acha que é uma ocupação inferior e as pessoas vão pensar que estou “indo pelo mau caminho”, mas é meu primeiro emprego como cantor.

Do outro lado da rua fica a igreja anglicana em estilo gótico-vitoriano de St. Luke e mais adiante, na direção do rio, o Lloyds Bank e depois o correio, onde, às quartas, vou buscar o subsídio familiar, nossa remuneração semanal do governo. O vigário da St. Luke entra na leiteria todas as manhãs para apanhar seu quartilho de leite, que afirma ser para o gato. É a idéia que faz de uma piada – sei que ele não tem um gato. Ele atrai meu olhar com uma piscadela e então observa o mais recente olho roxo de Betty com ar de interrogação. Gosto do vigário, gosto de seu sorriso cordial, gosto do cabelo branco sob o barrete preto, gosto até de suas piadas tolas. Ele me parece o profeta de uma religião mais humana do que aquela com que os fanáticos irlandeses começam a me aterrorizar na igreja católica, a duas ruas dali.

Passando o prédio do correio há a estação de trem. O irmão mais velho de Tommy, Mick, trabalha lá, recolhendo os bilhetes dos trabalhadores que voltam apressados para casa após mais um dia “na cidade”. No intervalo dos trens muitas vezes vejo o Mick dependurado na janela da sala de espera, bem acima da Hugh Street, praticando cuspe a distância no outro lado da rua. “Oi, Mick”, eu digo.

Ele me ignora como se eu fosse uma forma de vida inferior, mas consegue disparar uma golfada verde que cai perto de meus

pés antes que a campainha da estação informe a chegada de mais um trem. De quinze em quinze minutos um trem de tração elétrica pára na plataforma, mas de vez em quando um leviatã ruidoso e pré-histórico movido a vapor aparece trovejando sobre a ponte da Station Road, e o garotinho que mora no número 84 sai correndo para experimentar a emoção quase sexual da máquina que tornou George Stephenson famoso no mundo todo. (Stephenson, pai do motor a vapor, nasceu a menos de cinco quilômetros daqui e provavelmente foi a única pessoa famosa das redondezas.)

Minha mãe me manda nessa viagem sob a ponte do trem às sextas de manhã para comprar bacalhau fresco e hadoque na mulher do peixe. Seu carrinho é um amontoado tosco de madeira e pregos martelados sobre velhos lemes de embarcação, empurrado desde o cais de pesca. Ela embrulha os peixes úmidos e brilhantes em velhas folhas de jornal. As unhas de seus dedos são imundas e seu cabelo mesclado de preto e grisalho é preso fortemente para trás, emoldurando um rosto com mais sulcos que um mapa rodoviário. Ela tem um único dente. Tenho medo da mulher do peixe, porque em minha fétida imaginação ela é a esposa maligna de uma criatura do mar e os peixes espasmódicos e de boca aberta são suas vítimas de olhos arregalados. Tento evitar as sextas de manhã sempre que posso ou então imploro a minha mãe para que me deixe ir à venda de petiscos, onde os peixes já estão mortos e liquidados, um estágio antisséptico posterior à violência da carnificina.

Freqüentei a escola primária de St. Columba, que fica num velho prédio vitoriano perto da igreja onde meus pais se casaram e que foi batizada em homenagem a um dos temerários monges irlandeses que converteram os pagãos locais ao cristianismo nos séculos xv e xvi. Esses monges deviam ter um bocado de lábia, além de coragem, para deixar seu mosteiro na ilha de Iona e substituir Odin e Thor por um Deus que oferecia a outra face e apregoava o amor. Centenas de anos mais tarde, nossos padres continuam sendo uns

irlandeses malucos e ainda chamamos o dia da semana de *Thursday*, no dialeto local. Algumas coisas nunca mudam.*

Foi na escola de St. Columba que teve início meu fascínio pela religião que dura até hoje e, do mesmo modo, meu problema com ela (que também dura até hoje). Toda criança de escola católica recebe o ensinamento do catecismo, um pequeno livro vermelho com o qual somos doutrinados e que se espera que memorizemos *ipsis litteris*, como protomaoístas prestes a converter o mundo.

Quem fez você?

“Deus me fez.”

Por que Deus o fez?

“Para conhecê-LO, amá-LO e servi-LO.”

À semelhança de quem Deus o fez?

“À Sua imagem e semelhança etc. etc.”

Implícito nesses ensinamentos está que Deus era católico e que qualquer um que não for católico não poderá ingressar no Reino do Céu, devendo portanto ser considerado digno de pena ou, se possível, convertido à verdadeira igreja. Felizmente, sendo filho de um casamento misto – mãe anglicana, pai, teoricamente, católico –, eu definitivamente não conseguia engolir a idéia toda. Despachar milhões de almas perdidas para o fogo eterno do inferno só porque não eram membros da Liga das Senhoras Católicas ou dos Cavaleiros de St. Columba parecia-me um comportamento de demasiada *hybris*, muito antes que eu tivesse ouvido a palavra. O conceito de limbo, um lugar onde bebês desafortunados que não haviam sido batizados na Igreja Católica Apostólica Romana permaneciam por toda a eternidade, horrorizava-me tanto quanto o próprio inferno

–

* Saint Columba (521-597), ou Colum (Colombo), estabeleceu um mosteiro na ilha de Iona e cristianizou o norte da Escócia. A passagem faz referência à origem etimológica dos dias da semana, em inglês: *Thursday*, quinta-feira, é o “dia de Thor”; *Wednesday*, quarta-feira, o “dia de Wodan”, divindade anglo-saxã identificada com o nórdico Odin. [N.T.]

(ao qual a pessoa estaria imediatamente destinada caso perdesse uma missa num domingo qualquer). Na verdade, a eternidade, seja no purgatório, no inferno ou no céu, soava como um conceito apavorante para mim. O céu me parecia uma missa de um tédio sem fim, enquanto todos os que eu conhecia, incluindo meus pais, estariam fritando lá embaixo. E de fato tornei-me coroinha, o que, paradoxalmente, aliviava um pouco a chatice da liturgia. Eu papagaiava o texto em latim tão bem quanto os melhores deles, embora minha compreensão do que dizia fosse nula. Tenho certeza absoluta de que não era o único a fazê-lo, mas acho que devo ter gostado dos trajes, a bata preta com a sobrepeliz branca nos dias da semana e vermelha aos domingos – era basicamente um vestido –, e a teatralidade e a pompa solene do ritual deviam constituir uma apelo ao artista que havia em mim.

Já que uma experiência religiosa genuína até então me escapava, eu me sentia constantemente uma espécie de impostor na casa dos fiéis. Não pertencia àquele lugar. Meu maior problema era a confissão. Com a idade de sete anos espera-se que a criança saiba discernir entre o bem e o mal, mas a maioria dos que têm essa idade, pelo menos até onde sei, não cometem atos malignos. Contudo, o sacramento solene da confissão exige que, ajoelhado num cubículo fechado e diante de uma cortina muito opaca, você confesse os próprios pecados à forma indistinta de um padre sentado do outro lado.

A fórmula do sacramento começa assim: “Perdoe-me, Pai, porque pequei. Minha última confissão foi há duas semanas” (observe que se espera da pessoa que faça isso ao menos uma vez a cada quinze dias), mas eu tinha problemas com as duas afirmações. Até onde me dizia respeito, não cometera pecados para contar, mas ficava envergonhado demais de dizer ao padre que não tinha pecados, de modo que a primeira afirmação de que eu havia pecado era em si mesma uma mentira. Eu então tinha de compor a mentira listando um catálogo de delitos veniais, tipo: “Fui desobediente”

(não fora) ou “Contei mentiras”. Quando as únicas mentiras em que eu estivera envolvido haviam sido ditas em minha última confissão, sob a santidade do sacramento, combinando a mentira com um sacrilégio – o que sem dúvida acenava com a punição do tormento eterno. Essa charada ontológica e esse paradoxo moral aterradoros eram francamente demais para meu cérebro de sete anos, então eu evitava a confissão como a peste, o que, é claro, piorava ainda mais as coisas. Espera-se que a pessoa receba o sacramento pelo menos uma vez ao ano, sob pena de excomunhão (outro delito cujo estatuto mínimo implica o fogo do inferno). Assim, só para evitar a saia justa do confessionário, condenei-me a uma vida fora da comunidade da igreja, bem como dedicada aos tormentos perpétuos na versão joyceana de inferno que nossos padres hispânicos defendem. Ou eu era um garoto de sete anos de idade muito estúpido ou estava indo longe demais em meu raciocínio.

Continuei a carregar essas charadas por muito tempo na vida adulta e, alguns vezes, elas me ajudaram bastante, outras, nem tanto, mas a reflexão e o tormento parecem inextricavelmente ligados e esse foi o legado eterno de meu catolicismo.



Algum tempo se passou na igreja da floresta, mas não faço idéia de quanto. Trudie parece flutuar tranqüilamente à deriva no oceano de suas próprias lembranças. Uma mulher à minha esquerda e atrás de mim geme suavemente com o que pode ser dor ou êxtase, enquanto à minha direita outra mulher se desmancha em soluços. Eu permaneço em silêncio, exceto por minha respiração, que é profunda e regular, e tudo que posso fazer é deixar que a substância prossiga sua ação.

Fico atônito com as dimensões aparentemente ilimitadas de memória e metáfora visual com que esta experiência me força a lidar. Todos os relacionamentos de minha vida parecem estar em

pauta: pais, irmãos, irmãs, amigos, namoradas, esposas e crianças foram todos convocados ao tribunal da memória e têm um tempo determinado no banco das testemunhas; e assuntos sobre os quais eu normalmente evitaria pensar – meus fracassos como filho, irmão, amigo, namorado, marido ou pai, ou o pavor terrível de minha própria mortalidade – não são deixados de lado, mas permanecem bem no centro de minha consciência.

Embora as imagens mais sombrias e violentas tenham em grande parte diminuído, a experiência não é de nenhum modo recreativa; na verdade, é terrivelmente séria. Não tenho outra escolha senão me entregar e humildemente aceitar que deve haver um bocado de raiva nas camadas mais profundas de minha consciência e que essas camadas mais profundas estão de algum modo sendo purgadas.

A jovem atrás de mim e à minha direita continua a chorar, porém de forma mais calma, agora, ao passo que a outra à esquerda parece experimentar um êxtase sexual nada discreto. Reconheço a música que toca no estéreo; é de uma cantora brasileira chamada Zizi Possi. Sua voz é cheia de paixão e carregada de desejo sexual e romântico. É uma canção que nunca ouvi antes, mas sei que ela é baseada numa peça de Heitor Villa-Lobos e acompanhada por um solo de violoncelo, profundo e melodioso. As visões recomeçam.

As entidades geométricas espiraladas atrás de minhas pálpebras cerradas vibram com o ritmo da música e começam a assumir formas distintamente humanóides, ofuscantes, incrustadas de jóias e especificamente femininas. Nunca em minha vida vi criaturas tão deslumbrantes e contudo há algo de intrinsecamente alienígena nelas, algo cruel e belo, com um aspecto quase que de inseto e de uma sexualidade profunda.

Estou sendo erguido através de uma espécie de poço de elevador enorme, cercado e sustentado sem esforço por minhas acompanhantes misteriosas e exóticas. Cada vez mais para cima; abandonei todo controle e resistência.

Sou conduzido a uma ampla câmara como o interior de uma colméia, e no centro dela há uma mesa com um tabuleiro de xadrez. Do outro lado do tabuleiro há uma mulher extraordinária que é de uma ordem de beleza e status ainda mais elevados que minhas criaturas e que faz um gesto para que me sente. Todas se ajeitam num círculo elegante em torno da mesa. Diante de mim estão as peças brancas. É óbvio que se espera que eu jogue.

Começo, movendo o peão da rainha branca duas casas. É uma abertura-padrão e minha oponente responde do mesmo jeito. À medida que o jogo progride, ela não olha para o tabuleiro nem muda a expressão, mas mantém os olhos firmemente fixados nos meus. Toda vez que movo minhas peças, sua resposta é imediata e agressiva.

A música continua a fluir pelo aposento em suaves ondulações e as ninfas assistentes começam a se mover com sensualidade, exortadas pela percussão. Há apenas um vestígio muito tênue de sedução nos olhos de minha adversária e de sutil zombaria conforme ela repete cada movimento meu de seu lado. A música vibra com urgência crescente e rodopia em minha cabeça como o êxtase de um perfume. Os longos dedos das assistentes formam *mudras* delicados e intrincados, como dançarinas de um templo pairando num véu envolvente de olhos, lábios e rostos imperturbáveis. Tenho de me concentrar no jogo, mas o lugar transformou-se num ofuscante zootrópio de imagens sexuais.

O ser feminino diante de mim torna-se agora uma deusa-rainha de beleza terrível e inteligência assustadora. Conforme desloca as peças de ébano nos quadrados, ela as torce sugestivamente entre os dedos, como se as estivesse aparafusando no tabuleiro. O gesto se destina claramente a me intimidar e desestabilizar, e estou longe de ser imune a essas insinuações. A coisa já não parece mais um jogo. Começo a sentir que posso estar numa disputa para salvar a própria vida. Assediado e manipulado, fico ansioso e confuso.

A dança se torna cada vez mais erótica, as ondulações dos quadris sinuosos cada vez mais exageradas e flagrantemente provo-

cativas. Começo a me atrapalhar, a cometer enganos, a acumular erro em cima de erro. Preciso pensar com clareza, mas as dançarinas são agora uma mancha frenética de energia sexual. Fico agitado e com medo ao mesmo tempo.

Seu ataque é inexorável e destrói todos os meus redutos defensivos. Não me resta outra escolha senão mover o rei para o centro do tabuleiro. Ele está exposto, em pleno campo de batalha, presa fácil dos caprichos da rainha preta e de suas legiões, e agora a derrocada teve início.

Braços esticados, as dançarinas são como pássaros fabulosos, uma trama de braços e pernas como o friso de um templo tântrico, ao mesmo tempo elegante e lascivo.

A torre preta come o cavalo branco. Mais uma vez o rei fica exposto ao perigo mortal. Obscenidades ardentes são sussurradas em meu ouvido. Mal consigo respirar. Uma língua serpentiforme e insidiosa arrepia a pele de meu pescoço sob a orelha, quando a rainha preta se apresenta ao rei ferido. A palavra *xequé* ecoa pelo lugar com insolência cruel. As ninfas auxiliares se recolhem.

Recuo por completo, agora, deixando minha inimiga deslumbrante em toda a sua glória malevolente. A rainha preta dá um beijo suave e escarnekedor no rei e espera como uma viúva-negra na teia que fiou com tanta destreza, saboreando o gosto cruel da vitória.

Sou forçado a recuar, recuar, recuar.

A música cessa, agora. O silêncio no lugar é total.

Estou agitado, devastado, completamente vulnerável.

A rainha preta se desloca uma casa para o lado, zombeteira, como uma dançarina na corte elisabetana, abrindo uma coluna limpa diante de si, na beirada do tabuleiro.

A meu rei, resta um único e miserável movimento, no canto do tabuleiro. Torre preta na casa oito – xequé-mate.

*

Estou deitado na escuridão de minha água-furtada sobre a leiteria, onde consegui ejacular em minha mão pela primeira vez.

Philip Larkin, em seu poema “Annus Mirabilis”, alegava que o sexo foi inventado em algum momento entre a revogação da proibição de *O amante de lady Chatterley* e o primeiro álbum dos Beatles, mas à parte o conhecimento desconcertante que recebo de Tommy Thompson, o sexo para mim ainda não existe. Jamais se fala de sexo em nossa casa. Não há sexo na televisão e, se algum sexo há no cinema, eu não vi. Christine Keeler e suas amigas talvez estejam divertindo o ministro da Defesa e prestes a deixar o *establishment* tóri de joelhos, mas os jornais ainda não sabem disso. O presidente da Câmara dos Lordes pode estar em vias de revogar a proibição de um livro sujo que D. H. Lawrence escreveu há trinta anos, mas nada disso tem qualquer significado para mim.*

Não faço idéia do que seja isso que explodiu em minha mão no escuro, apenas sei que tem a viscosidade e a temperatura do sangue. A deliciosa emoção do momento é diminuída pelo medo de que eu possa ter me machucado e de que meu corpo e os lençóis de minha cama estejam cobertos de sangue ao raiar do dia. Acender uma luz acordaria meu irmão menor. Isso é meu segredo e já posso sentir os vergões na perna causados pelas palmadas de meu pai. Medo, culpa e êxtase desajeitado compõem desde já o sedutor coquetel que irá ocupar meus pensamentos durante muito tempo após essa primeira experiência.

Meu pai não é dado a grandes manifestações de carinho e parece encarar abraços e beijos como uma afetação exagerada e des-

—
* Christine Keeler: famosa *showgirl* que foi o vértice de um escandaloso triângulo protagonizado no início dos anos 60 na Inglaterra por ela, John Profumo, na época secretário da Defesa, e Eugene Ivanov, adido naval soviético. *O amante de lady Chatterley*: em 1960, a editora Penguin foi processada por publicar o livro de D. H. Lawrence, mas venceu o julgamento e derrubou a proibição inicial. [N.T.]

necessária. Ele pertence a uma geração para a qual essa falta de calor e intimidade física é considerada normal e viril; é como se a sociedade ensanduichada entre duas guerras mundiais estivesse inconscientemente tentando criar uma raça de espartanos, habituada às privações e aos sacrifícios emocionais dos tempos de guerra. Tudo que foge a esse modelo é considerado covarde e efeminado; não choramos, não corremos para os braços um do outro e beijos só acontecem nos filmes. Meu pai não é cruel nem sádico, apenas o produto de sua geração; é um bom homem que em seu íntimo nos ama muito, mas não sabe como demonstrá-lo; é como um prisioneiro numa máscara de ferro, cada vez mais taciturno, desolado e fatalmente aprisionado.

Minha mãe é de uma espécie inteiramente diferente, espontânea e emotiva, tão propensa a furores e lágrimas quanto às risadas e alegrias da vida. Ela anseia pelo romance e a emoção. É um pássaro raro e exótico, perigoso e imprevisível no confinamento de sua gaiola doméstica. Tenho adoração por minha mãe, mas eu também a temo.

Nas tardes de domingo assistimos a velhos filmes em preto-e-branco na BBC, produções para ver com o lenço na mão: Trevor Howard e Celia Johnson em *Desencanto*, James Stewart em *A felicidade não se compra*. Minha mãe olha para a tela com a atenção arrebatada de uma criança, cativada pelas imagens escuras, e muitas vezes se afoga em lágrimas aos primeiros sinais de emoção, conforme os tristes lamentos de violinos e violoncelos transbordam para dentro da sala como calda de caramelo. Assim como sou o queridinho da mamãe, também sou o garotão do papai, e sinto um nó no fundo da garganta ao engolir amargamente a vontade de chorar, de abraçar minha mãe em sua tristeza e limpar suas lágrimas. À tarde meu pai dorme, como de costume; ele não tem tempo para filmes. Permaneço sentado como seu representante: rígido e com o rosto impassível do que deve parecer uma fúria reprimida.

A rotina diária de meu pai dificilmente varia. Ele termina seu

turno perto do meio-dia, almoça e então vai para a cama tirar uma soneca de duas ou três horas. Quando acorda, lê o jornal da tarde, depois sai para o pub – em geral, o Penny Wet, na avenida principal, ou o Rising Sun, na Coast Road, perto de onde entrega o leite. Ele não é de beber muito e em geral se queixa de dor de cabeça quando entorna umas a mais. Mas nunca vem para casa bêbado, nem chega tarde.

Minha mãe não bebe e jamais o acompanha ao pub. Não é algo respeitável de se fazer e ela definitivamente tem lá seus ares de importância. Somente uma mulher comum seria vista num pub, pelo menos era isso que se achava na época. Ela passa o dia cuidando de meus dois irmãos menores, preparando três refeições por dia, fazendo compras na avenida principal ou tagarelando e rindo com Nancy, a ruivinha que fica na sala dos fundos da leitearia. Minha mãe não trabalha na venda: considera-se uma dama, e nós também a consideramos. Agora temos um carro e telefone, coisa que ninguém mais na rua tem.

A sala dos fundos é onde fica o toca-discos. Minha mãe ensinou-me a suingar ao som do álbum de 45 rpm dos Champs tocando “Tequila” e a dançar músicas lentas como os Everly Brothers cantando “All I Have to Do Is Dream” (foi talvez a primeira vez que ouvi, ou que pelo menos prestei atenção, aquele tipo de harmonia fechada). Sacudimos no balanço do twist de Chubby Checker, bamboleando acelerados até desabar de exaustão ou de dores no peito. São momentos felizes: a gente ri um bocado, mas de tarde é melhor fazer silêncio, senão papai pode aparecer com seu olhar de será-que-dá-pra-calar-a-boca? Nessas horas, minha mãe fica sentada atrás das cortinas de renda na janela do andar de cima e observa as pessoas passando na rua.

A despeito de nossa prosperidade relativa, estamos claramente passando por dificuldades financeiras. Nos sábados à tarde, meu pai, Ray e seu irmão Billy levam os ganhos da semana à sala dos fundos. Muitas vezes eles me põem para juntar os *pennies* em pi-

lhas de doze, as moedas de *threepence* em pilhas de quatro, as de *sixpence* em pilhas de duas, os *shillings*, ou xelins, em pilhas de vinte e os *florins*, ou *two-bobs*, em pilhas de dez. Lembro-me de contar até os *farthings*, quatro para um *penny*, bem como os *halfpennies* e os *half crowns*. Mas a quantia em geral não dá para nada, mal cobre as despesas. Observo Ray e Billy saírem de fininho, constrangidos, pé ante pé, enquanto meu pai confere e reconfere as contas.

Um dia, quatro homens usando macacões marrons aparecem na porta da frente e carregam o piano pelas escadas. Quando o enfiam na traseira de um furgão azul parado na esquina, vejo alguma coisa morrendo no rosto de minha mãe. Meu pai não faz um gesto para confortá-la, nem eu.

Pouco depois disso, Billy falta ao trabalho. Ray diz que chegou a ir até a casa do irmão mas ninguém atendeu a porta. Ele e meu pai pegam o furgão, vão até o lugar e batem na porta por cerca de vinte minutos, sem obter resposta. Ray e meu pai dividem o turno de Billy e, mesmo sendo dia de escola, tenho de trabalhar. Só terminamos no meio da tarde. Vou para a cama exausto, junto com papai. Billy não aparece no dia seguinte e no outro tampouco. Ray não faz idéia de onde possa estar o irmão. “Vai ver que encheu a cara, sei lá”, diz, dando de ombros.

Nunca mais veremos Billy outra vez, nem falaremos a seu respeito, e agora precisamos encontrar um substituto.

Alguns dias mais tarde, uma triste e nem um pouco inspiradora procissão de candidatos à vaga dá as caras na sala dos fundos, enviados pela agência de empregos do governo. Nancy, parada num canto com os braços cruzados e segurando um cigarro pela metade, mal consegue disfarçar sua aversão pelo que parece considerar evasivas tão patéticas para homens feitos e bufa sonoramente como uma *vamp* teatral. Betty chora em silêncio no outro canto; seu rosto é um retrato da infelicidade banhado em lágrimas e tornado ainda mais grotesco pelo inchaço do lábio inferior inflamado, resultado da noite anterior. A agência do governo vai mandar mais

homens à tarde, lembrando meu pai de que é inverno e pouquíssima gente gosta de sair à rua num tempo desses.

“Isso mesmo!”, murmuro para mim mesmo.

Talvez seja o conhecimento de quem vê em retrospecto, ou uma combinação da memória com a imaginação, mas posso ver a cena claramente. Meu pai foi se deitar para sua soneca diária, depois de escolher alguém “apresentável” para o lugar de Billy. Seu nome é Alan; é um pouco mais jovem que meu pai, com cabelo loiro avermelhado, olhos azuis e traços belos e regulares. Alan voltou para apanhar seu macacão, o “livro dos turnos” e uma sacola de dinheiro. Nancy está em seu canto fumando mais um cigarro – dessa vez, sorri em aprovação –, Betty foi para casa e minha mãe entra.

Estou invisível, assim como o tempo está congelado, e um olhar trocado entre os três ficou marcado a fogo em minha memória. É um olhar de inexplicável mistério, de poder e silêncio, e eu sou sua testemunha.



Abro os olhos e vejo Trudie. Meu relógio me diz que já se passaram quase quatro horas desde que tomamos a *ayahuasca*, embora pareça que toda uma vida, ou pelo menos a maior parte, tenha passado diante de mim. Todo mundo está agitado no salão. Trudie abre os olhos e me cumprimenta com um sorriso radiante. Ela me diz que sua experiência foi extraordinária, maravilhosa, e então, vendo meus olhos vermelhos e inchados, pergunta como foi a minha. Digo a ela que passei a maior parte da noite chorando. Ela estica o braço e me toca de maneira reconfortante. “Sinto muito”, diz, “eu estava em outro mundo. Como se sente, agora?”.

“Muito bem”, respondo, sem fazer a menor idéia do porquê.

O mestre invoca a ordem no recinto e uma canção ritual final encerrará a cerimônia. Com nosso português básico, pescamos al-

guma coisa sobre luz, paz, amor, não muito mais que isso. Todos agora sorriem, dão risadas, abraçam-se, como sobreviventes de um naufrágio que houvessem passado por uma terrível tempestade, e a atmosfera de alegria e comunhão no lugar é palpável. Trudie esteve em um vasto palácio netuniano, junto com uma deidade masculina de barba comprida e tridente, esparramado num trono imenso e cercado pelos rostos sorridentes de lindas mulheres. Todas as suas visões parecem ter sido transcendentais.

Nossos guias estão ansiosos para saber como foi para nós. Foi uma experiência forte demais? Ficamos com medo? Tivemos visões? Recebemos *insights*? Encontramo-nos com nossos ancestrais? Conversamos com Deus? Mas estou desnordeado demais para fornecer algo parecido com uma resposta coerente. Contudo, quando saímos para o frio da noite, a floresta vibra de vida, tanta vida que fico desarmado: nunca me senti tão conscientemente em sintonia antes. Talvez eu tenha deixado minha casca, mas ao que parece estou percebendo o mundo num nível molecular, onde as barreiras normais que separam o “eu” de tudo mais foram removidas, como se cada folha de árvore ou de capim, cada flor adormecida estivesse se erguendo, como se cada inseto me chamasse, cada estrela no céu limpo enviasse um raio de luz diretamente para o topo de minha cabeça.

Essa sensação de sintonia é esmagadora. É como flutuar num oceano ilimitado de emoções que não posso de fato começar a descrever a menos que evoque a palavra *amor*. Antes dessa experiência, eu teria usado a palavra para separar o que amo de tudo mais que não amo – nós e eles, heróis e vilões, amigos e inimigos, tudo na vida apartado e distinto, como cidades cuidadosamente muradas ou fortalezas suspensas protegendo suas reservas de solidão. Agora tudo está mergulhado nessa tempestade de energia que cria um circuito ligando céus e terra, de modo que cada partícula de matéria em mim e à minha volta vibra de significado. Tudo que me cerca adquiriu um estado de graça e eternidade. E o mais estranho de tudo é que todo esse filosofar grandiloquente parece

perfeitamente apropriado ao contexto, como se as visões espetaculares tivessem aberto uma porta para outro mundo de possibilidades verdadeiramente cósmicas.

Sou obrigado a me sentar nos degraus da igreja num estado de admiração emudecida diante da beleza da floresta e das estrelas acima de minha cabeça, mas é mais do que posso suportar. Baixo os olhos para fitar uma pequena cavidade nos degraus de pedra e ali, em meio à escuridão, a quinze centímetros de mim, no fundo da estreita fenda formada pelas grosseiras lajes de granito, cresce uma belíssima flor roxa. É uma não-te-esqueças, cinco pétalas púrpuras irradiando da mandala central de uma estrela amarela de cinco pontas, esticando-se bravamente na direção da luz com uma força vital extraordinária, e sou a única testemunha da coragem de sua luta. Nesse momento sou levado a compreender que não só seres vivos minúsculos, belos e delicados como esses devem estar energizados de amor, como também as rochas inanimadas que os cercam, tudo que dá e que recebe, reflete e absorve, resiste e se entrega, e me dou conta, talvez pela primeira vez, que o amor nunca é desperdiçado. O amor pode ser negado ou ignorado, ou até deturpado, mas ele não desaparece: apenas troca de forma, até que estejamos conscientemente prontos a aceitar seu mistério e poder. Isso pode levar um momento ou uma eternidade, e não há insignificâncias na eternidade. E se isso é verdade, então devo continuar a rememorar minha história e tentar extrair algum significado dela, tentar recontar a insípida prosa de minha vida como se fosse uma espécie de poesia transcendental.

Não dormirei essa noite, ficarei acordado na escuridão de nosso quarto de hotel. É como se um poço profundo tivesse se aberto no sedimento de minha vida, um poço artesiano cavado no estratificado e impermeável leito do passado, e cada lembrança que fosse forçada à superfície engendrasses outras dez diante de meus olhos.

Observo essas lembranças se desdobrando no teto acima de minha cabeça.